

## EXPERIÊNCIAS DE SURFE NA PRÁTICA PEDAGÓGICA COMO POSSIBILIDADE NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Manoela de Castro Marques Ribeiro<sup>1, X</sup>, Ana Caroline Pinto dos Santos<sup>1</sup>, Maria Adriana Borges dos Santos<sup>1</sup>, Luciana Venâncio<sup>1</sup>, Luiz Sanches Neto<sup>1</sup>

(<sup>1</sup>Universidade Federal do Ceará, Endereço, Bairro, Fortaleza, Ceará, CEP, Brasil;

Autor de correspondência: <sup>X</sup>manoelaribeiro86@hotmail.com)

### RESUMO

O surfe mais parece uma dança sobre as ondas, no entanto, é um esporte que envolve aprendizagens em todos os campos pedagógicos, seja ele procedimental, atitudinal e conceitual. O objetivo é descrever uma sequência didática vivenciada com o surfe nas aulas de educação física escolar para estudantes do ensino médio, identificando as possibilidades, dificuldades e limitações quanto ao conteúdo. Trata-se de um relato de experiência, com abordagem qualitativa e método descritivo. O estudo foi realizado em uma escola profissionalizante em Fortaleza, em um bairro próximo à praia e contou com 159 participantes. Para coleta e análise dos dados utilizou-se o diário de campo e análise temática, com registro de uma sequência didática de três aulas relacionadas à temática do surfe, durante o mês de maio de 2023. O relato mostra as dificuldades relacionadas à preocupação com a segurança dos estudantes e com a logística da aula e suas possibilidades.

**Palavras-chave:** Surfe; Sequência didática; Relato de experiência.

### INTRODUÇÃO

O surfe é uma atividade que engloba diferentes significados, podendo ser considerado uma prática corporal, um esporte, um modo de vida. De maneira mais direta, o surfe pode ser definido como o ato de deslizar o corpo sobre as ondas do mar, essa é a essência fundamental dessa prática (ROCHA, 2017).

Quando se trata dessa modalidade esportiva no contexto escolar, ela não apenas oferece aos alunos a oportunidade de praticar uma atividade física estimulante, mas também os expõe a lições valiosas sobre responsabilidade ambiental, trabalho em equipe e autoconfiança, dentre outras. O surfe, quando integrado ao currículo escolar, favorece as instituições um contexto de formação integral dos estudantes, proporcionando-lhes experiências enriquecedoras que vão além das salas de aula tradicionais.

Em Fortaleza-CE, o surfe tem ganhado popularidade em toda a extensão do litoral, impulsionado pelo aumento no número de escolas de surfe na região. Algumas dessas escolas recebem investimentos tanto públicos quanto privados, além de serem apoiadas por políticas estaduais de esporte e lazer, como a Lei Estadual de Incentivo ao Esporte (LIE). Um exemplo é o projeto "O Surf Resgatando Sonhos", que oferece gratuitamente aulas de surfe para jovens (MOURA *et al.*, 2020).

O projeto supracitado tem realizado atividades desde 2019 e já teve um impacto positivo em mais de 1500 crianças e jovens. Ele oferece oito turmas diárias, das 8h às 17h, para meninos e meninas das comunidades da Barra do Ceará, Leste Oeste e Titanzinho. Cada aluno recebe acompanhamento duas vezes por semana em aulas de uma hora de duração. Além das aulas de surfe, o projeto realiza oficinas mensais com ênfase em sustentabilidade, como a realização de hortas comunitárias, pintura de bueiros e outras iniciativas que promovem a participação coletiva e transformadora nas comunidades atendidas (Fernando, 2024).

Mesmo com muitas dificuldades enfrentadas nas escolas pelos/as professores/as, é crescente o interesse pelo surfe. Fato que amplia a necessidade de entender a problemática: Como o surfe pode ser desenvolvido na escola pelos/as professores/as?

A partir do pressuposto, o trabalho tem como objetivo descrever uma sequência didática vivenciada com a modalidade surfe nas aulas de educação física escolar para estudantes do ensino médio, identificando as possibilidades, dificuldades e limitações quanto ao conteúdo.

## METODOLOGIA

Trata-se de um relato de experiência, com abordagem qualitativa e método descritivo. De acordo com Gil (2014), esse método consiste em descrever as características de um fenômeno com o intuito de analisar a realidade observada. Pesquisadores atentos ao desempenho prático utilizam essa técnica para obter uma visão clara e detalhada do objeto de estudo, identificando padrões e generalizações.

O estudo foi realizado em uma escola de ensino médio profissionalizante localizada em Fortaleza, Ceará, em um bairro próximo à praia. Os/As participantes da pesquisa foram 159 estudantes do 2º ano ensino médio que aceitaram participar da vivência. O instrumento para coleta dos dados foi o diário de campo elaborado por uma das autoras dessa pesquisa, com registro de uma sequência didática de três aulas relacionadas à temática do surfe, durante o mês de maio de 2023. O diário de campo é um caderno de anotações no qual o pesquisador registra observações, conversas informais, manifestações dos participantes em relação aos diversos aspectos investigados, bem como suas impressões pessoais (MINAYO, 2010).

Assim, a sequência didática contemplou as seguintes fases: I- Exploração dos aspectos históricos do surfe, movimentos fundamentais e principais surfistas cearenses. II- Vivência e fruição dos elementos essenciais do surfe. III- Discussão de tópicos que relacionam o surfe a questões de justiça social.

A análise dos dados foi feita por meio de análise temática, que envolve um conjunto de métodos para criar categorias de análise através da identificação dos temas presentes, ou seja, busca-se descobrir o núcleo de significado que permeia a narrativa (MINAYO, 2013).

Os participantes, assim como seus responsáveis foram informados do desenvolvimento da pesquisa e que não havia risco para eles em participar, autorizando o uso de imagens, respeitando os princípios éticos da pesquisa.

## RESULTADOS

Neste segmento, compartilhamos a sequência didática criada com o objetivo de avaliar e analisar possibilidades, dificuldades e limitações quanto ao conteúdo. Seguem as fases:

### **I- Exploração dos aspectos históricos do surfe, movimentos fundamentais e principais surfistas cearenses.**

Para execução dessa aula, foi elaborado anteriormente uma apresentação de *power point* com os elementos históricos, tipos de pranchas, vídeos de movimentos do surfe, imagens de surfistas locais etc.

Nessa aula, foi exposto esses principais elementos, e ao questionar quem eram as surfistas nas imagens, nenhum/a aluno/a conhecia as surfistas oriundas do próprio bairro, provocando uma reflexão dos motivos de não conhecerem atletas da região. Também nessa aula, uma aluna questionou a professora sobre o motivo de não ter atletas negras expostas na apresentação de slide. Tal questionamento foi proposto como tema para discussão posterior em outra aula. Durante essa aula, os/as estudantes mostraram-se bem interessados/as e animados/as para o momento posterior que aconteceria na praia.

## II- Vivência e fruição dos elementos essenciais do surfe.

Para organização e realização dessa aula, foi combinado anteriormente com gestão e estudantes que a aula de surfe aconteceria em um único dia no turno da tarde, uma hora de aula para cada turma. Eles/as assistiram aula pela manhã, e no turno da tarde foram liberados/as de acordo com o horário da aula de cada turma. As turmas foram liberadas com meia hora de antecedência. Esse tempo foi destinado para que os/as alunos/as trocassem de roupa e se deslocassem até a praia. O local combinado para a aula era próximo da escola. Os alunos foram a pé. Também foi solicitado anteriormente aos estudantes, a autorização assinada pelos/as responsáveis e inscrição solicitado pelo projeto “o surf resgatando sonhos” como obrigatório para participação da aula.

No dia da aula, as pranchas que seriam utilizadas na aula foram colocadas no carro da professora. Ao chegar na praia com os materiais, os/as alunos/as que já haviam chegado no local, ajudaram a professora. Um primeiro imprevisto aconteceu no momento inicial da aula, pois os instrutores que iriam dar a aula não tinham chegado. Enquanto esperavam, os/as estudantes pediram para ficar jogando futebol, mas a professora não autorizou e pensando em adiantar o andamento da aula, foi organizando a turma em círculo. Nessa disposição, foi perguntado a eles/as se lembravam do vídeo mostrado em sala de como seria o movimento de subida na prancha. Alguns/mas alunos/as lembraram, um aluno que parecia ter entendido o movimento foi pedido para que ele demonstrasse na areia para todos/as. A professora precisou fazer algumas correções, e depois ele já estava fazendo o movimento correto. Foi solicitado para o restante da turma deitar na areia e repetir o movimento que o colega estava fazendo. (Figura 1). Após esse momento, a turma foi dividida entre os 6 instrutores que estavam presentes (Figura 2).



Figura 1- momento na areia com colegas.  
Fonte: elaborado pela autora (2023).



Figura 2- momento na areia com instrutores.  
Fonte: elaborado pela autora (2023).

No segundo momento da aula, que foi no mar, os/as alunos/as não eram obrigados/as a participar, mas a maioria quis. Foi possível observar os/as alunos/as conseguindo ficar em pé na prancha (Figura 3), voltando para a areia sorrindo, contando para os/as amigos/as como tinha sido sua experiência (Figura 4) e perguntando se poderiam ir novamente. Os/As alunos/as também estavam o tempo todo pedindo para tomar banho de mar. Como estava a piscininha formada, a professora deixou que ficassem no raso, sem entrar muito na piscininha.



Figura 3- estudante em pé na prancha.  
Fonte: elaborado pela autora (2023).



Figura 4- Estudantes comemorando.  
Fonte: elaborado pela autora (2023).

No início da segunda turma, um dos instrutores de surfe decidiu mudar a forma de organização dos/as alunos/as, pedindo para eles ficarem em filas (Figura 5). Essa distribuição não foi eficiente, pois dessa forma de organização quem estava no final da fila não conseguia ver e entender a explicação. Alguns/as alunos/as pediram para repetir, mas não foi possível, pois eram poucos instrutores para muitos alunos/as.



Figura 5- estudantes em fila.  
Fonte: elaborado pela autora (2023).

Na última turma, algo diferente aconteceu. Os/as alunos/as não chegaram todos/as juntos/as. Chegou uma parte da turma, e muitos foram chegar só depois. A professora não quis ouvir a justificativa de terem chegado depois, pois já estava bem irritada e cansada. Um dos instrutores percebeu a irritação e começou a brincar com os/as alunos/as, jogando bola, enquanto esperavam o restante da turma. Como essa turma é muito animada, rapidamente o instrutor envolveu todos/as os/as presentes na atividade.

Com a demora do restante da turma em chegar, foi decidido começar logo com os/as presentes. Quando o restante da turma chegou, uma parte da turma já tinha ido para o momento na água, e foi direcionado dois instrutores que não estavam na água, para passar o momento da areia para os/as atrasados/as (Figura 6 e 7). No fim deu tudo certo, todos participaram.





Figura 6- estudantes com instrutores.  
Fonte: elaborado pela autora (2023).



Figura 7- estudantes aguardando momento no mar.  
Fonte: elaborado pela autora (2023).

Ao encerrar o momento na água, foi solicitado ajuda dos/as alunos/as para subir com o material. Nesse momento de organização do encerramento da aula, houve outra situação preocupante. Alguns/mas alunos/as tinham ido tomar banho de mar, sem autorização da professora, deixando-a bem nervosa e irritada, além de preocupada. Após essa situação, a professora subiu junto com os/as alunos/as com o material de volta para o carro. Eles/as são bem prestativos, e ajudam sempre que solicitado. Dessa forma, encerrou-se o dia de surfe na escola. (Figura 8)



Figura 8- Encerramento da aula.  
Fonte: elaborado pela autora (2023).

### **III- Discussão de tópicos que relacionam o surfe a questões de justiça social.**

Para realização dessa aula, foi organizado anteriormente um levantamento dos/as estudantes que não participaram da aula na praia, e distribuídos os seguintes temas: racismo no surfe, questões de gênero no surfe, inclusão e acessibilidade no surfe.

Durante a realização dessa aula, os/as estudantes trouxeram reflexões relevantes sobre esses temas, como um depoimento de mulheres negras no surfe e a invisibilidade presente nessa modalidade. A professora retomou a pergunta da estudante sobre a falta de mulheres negras na apresentação do slide, reforçando a importância de se questionar os motivos dessa invisibilidade.

Sobre a temática de gênero, os/as alunos/as que abordaram o tema, demonstraram não perceber a diferença que existe entre homens e mulheres no surfe, então a professora apresentou questões relacionados à premiação em competições, em que normalmente as mulheres recebem roupas (as vezes masculinas), e acessórios inferiores aos dos homens. A professora também levantou o debate sobre a exposição do corpo feminino durante a prática, que muitas vezes é vista como desejo sexual por homens.

Acerca das questões relacionadas à inclusão e acessibilidade, os/as estudantes trouxeram diversas imagens de atletas com deficiência praticando surfe, como também trouxe o depoimento de um aluno da escola que é deficiente, falando da importância de garantir o acesso de todas/as em qualquer prática corporal.

## DISCUSSÕES

Após relato e descrição da aula, podemos identificar algumas dificuldades, limitações e possibilidades apresentadas neste relato de experiência.

A respeito das dificuldades, lidar com o comportamento dos/as alunos/as, por exemplo, quando estavam querendo jogar bola, propõe uma reflexão se os/as estudantes estavam realmente interessados/as naquela aula. Por que mesmo com uma atividade diferente os/as estudantes ainda querem jogar futebol? Apesar das novas abordagens teórico-metodológicas que emergem na educação física escolar, a influência da abordagem técnica sobre o fenômeno esportivo continua sendo proeminente. Com a crescente influência dos meios de comunicação de massa, a visão predominante na sociedade é a do esporte como um espetáculo. Em decorrência dessa ênfase na mídia, é comum notar certa resistência por parte das crianças durante as aulas de Educação Física quando o conteúdo abordado está relacionado a aspectos da cultura corporal que não envolvem o esporte (PAULA; LIMA, 2014).

Ao serem questionados posteriormente sobre esse tema, eles/as disseram que estavam sim interessados/as na aula de surfe, mas que também gostam muito de futebol, e o tempo que tinham que ficar esperando para ir surfar, queriam aproveitar para jogar. Nas aulas de Educação Física, a atenção dada aos interesses dos alunos pode resultar em uma ênfase excessiva no ensino dos esportes, em detrimento de outros componentes da cultura corporal, como ginástica, dança, jogos e lutas (PAULA; LIMA, 2014).

Tal afirmativa dos/as estudantes, aponta outra dificuldade presente nessa aula, que foi o tempo de espera para participar do momento na água. Em diversas instituições de ensino, as restrições relacionadas a materiais esportivos, espaços limitados e turmas numerosas são obstáculos a serem superados. É imprescindível elaborar estratégias que organizem as atividades de forma a otimizar o tempo dedicado à prática efetiva, levando em consideração as particularidades de cada contexto educacional (GASPARETTO, 2014).

A maneira como essas práticas são abordadas no ambiente escolar difere das metodologias usadas para enfatizar o desempenho e/ou o lazer, indicando a integração de metodologias pedagógicas às Práticas Corporais de Aventura. Contudo, existem dúvidas sobre como essas práticas podem ser introduzidas de forma mais eficaz e analisadas de maneira mais crítica no contexto escolar, principalmente durante as aulas de educação física (GONCALVES *et al*, 2021).

Outra dificuldade apresentada foi os/as alunos/as que entraram no mar sem permissão, pois requer bastante atenção para evitar situações de perigo, porque lidar com a imprevisibilidade do ambiente externo à escola, é um grande desafio para o/a professor/a que decide fazer uma aula fora da escola. Atrelado a essa dificuldade tem preocupação e responsabilidade colocada na professora, que em alguns momentos se sentiu irritada e cansada na realização das aulas.

Lidar com os riscos é uma tarefa que envolve todos os participantes das atividades corporais que apresentam potenciais perigos. Para que os estudantes adquiram competências relacionadas à segurança durante as Práticas Corporais de Aventura, é fundamental que participem ativamente no processo, desde a identificação dos riscos até o planejamento e implementação das medidas de segurança. Tanto o professor quanto os alunos desempenham papéis de corresponsabilidade, sendo o professor o orientador principal e responsável pelo gerenciamento das ações abordadas em sala de aula (SILVA, 2022).

Limitações em relação à prática podem ser atribuídas à vontade dos/as alunos/as de ter repetido a experiência, mas que não foi possível devido a quantidade de pranchas e instrutores em relação à quantidade de alunos/as.

É imprescindível dispor de uma ampla gama de materiais específicos em grande quantidade para as aulas de Educação Física, de modo a abordar os diversos conteúdos da cultura corporal. Assim, a quantidade, a qualidade e a diversidade dos materiais para o ensino de Educação Física desempenham um papel fundamental no sucesso das atividades (SOUTO *et al.*, 2021).

Em relação às discussões propostas pela professora e debatido pelo/as estudantes, desde a maneira como os/as estudantes são organizados em sala de aula até a seleção dos temas e conteúdos abordados, as questões de gênero e raça desempenham um papel crucial na formação das identidades dos/as jovens na escola, e estão intrinsecamente ligadas (CORSINO; AUAD, 2014).

Para Sanches Neto e Venâncio (2022), incorporar como proposta teórica e metodológica uma perspectiva antirracista, demanda a explicitação da intencionalidade de professores/as e estudantes e essa abordagem estimula a colaboração entre professores/as e alunos/as, resultando em uma comunidade engajada.

Dessa forma, raça e gênero são elementos fundamentais na formação dos sujeitos e nas interações que ocorrem nas instituições, contribuindo significativamente para a construção das práticas escolares (CORSINO; AUAD, 2014).

## CONCLUSÃO

A partir do exposto, foi possível observar algumas dificuldades como: - a preocupação com a segurança dos/as alunos/as no deslocamento até a praia e dentro do mar; - o comportamento de alguns/mas alunos/as que não cumpriram o que foi acordado em sala de aula; - imprevistos como o atraso dos instrutores e estudantes; - limitações referentes a quantidade de pranchas e instrutores em relação à quantidade de alunos/as, limitando o número de vezes que se poderia vivenciar a prática no mar.

Mesmo com as dificuldades apresentadas, é possível perceber as possibilidades de experiências aos/as alunos/as que são coerentes com a comunidade em que a escola se insere, e que fogem do padrão de aulas de educação física, limitadas muitas vezes a sala de aula e a quadra da escola, evidenciando que somos capazes de oportunizar a eles/as para além de um contato com o surfe, uma vivência significativa, capaz engajar e motivar inclusive alunos/as que não participam ativamente das aulas de educação física na escola.

Identificar quais dificuldades e limitações foram encontradas é um passo importante para enxergarmos as possibilidades e potencialidades da inclusão de práticas corporais como o surfe nas aulas de educação física, mostrando que existem maneiras de tornar essa prática uma realidade para os/as alunos/as. Sendo assim, faz-se necessário que a aplicação de aulas como essa continue sendo estudada, discutida e analisada, buscando assim, reunir informações sobre a execução prática e criar estratégias logísticas e didáticas para ter melhores resultados em futuras realizações.

## REFERÊNCIAS

CORSINO, L. N.; AUAD, D. Relações raciais e de gênero: a educação física escolar na perspectiva da alquimia das categorias sociais. **Educação: Teoria e Prática**, v. 24, n. 45, P. 57-75, 2014.

FERNANDO, D. Projeto utiliza o surf para transformar vidas em comunidades vulneráveis na orla de Fortaleza. **Jack Comunica**, Fortaleza, 6 janeiro 2024. Disponível em: <https://jackcomunica.com.br/projeto-utiliza-o-surf-para-transformar-vidas-em-comunidades-vulneraveis-na-orla-de-fortaleza>.

GASPARETTO, S. R. **O gerenciamento do tempo das aulas de educação física no ensino médio**. 2014. 40 f. Trabalho de conclusão de curso (graduação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Escola de Educação Física, Porto Alegre- RS, 2014. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/101735>. Acesso em: 15 mar. 2024.

GIL, A. C. **Método e técnicas de pesquisa social**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2014.

GONÇALVES, Y. ; ROCHA, L. L. ; VENÂNCIO, L. ; SANCHES NETO, L. . O esporte na natureza e a sistematização das práticas de aventura na educação física escolar. **Journal of Sport Pedagogy & Research**, v. 7, p. 13-23, 2021. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/352730175\\_O\\_Esporte\\_na\\_Natureza\\_e\\_a\\_Sistematizacao\\_das\\_Praticas\\_de\\_Aventura\\_na\\_Educacao\\_Fisica\\_Escolar](https://www.researchgate.net/publication/352730175_O_Esporte_na_Natureza_e_a_Sistematizacao_das_Praticas_de_Aventura_na_Educacao_Fisica_Escolar). Acesso em: 19 mar. 2024.

MINAYO, C de S. **O desafio do conhecimento**. Pesquisa qualitativa em saúde. 12 ed. São Paulo: Hucitec; 2010.

MINAYO, C. de S. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 33. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

MOURA, S. M. B de A. et al. Cinturão litorâneo. *In*: FECHINE, B. R. A. et al. **Espaços de esporte e lazer na cidade de Fortaleza**. Fortaleza: IFCE. 2020. p. 18-29

PAULA, A. S. do N. de; LIMA, K. R. R. A hegemonia do esporte na educação física escolar: proposta de superação através das práticas curriculares. **Revista Mineira de Educação Física**, [S. l.], v. 22, n. 3, p. 166–180, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufv.br/revminef/article/view/10050>. Acesso em: 17 mar. 2024.

ROCHA, L. L. **Surfando para a vida: um estudo sobre o papel do surfe como prática pedagógica libertadora**. 2017. 236 f. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Fortaleza- CE, 2017.

SANCHES NETO, Luiz; VENÂNCIO, Luciana. A educação física antirracista e a luta por visibilidade dos/as afro-latinos/as como desafio curricular. **Revista Fórum Identidades**, Itabaiana-SE, v. 36, n. 1, p. 133–146, 2023. DOI: 10.47250/forident.v36n1.p133-146. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/forumidentidades/article/view/18076>. Acesso em: 19 mar. 2024.

SILVA, V. G. Sistema de gestão de segurança e gerenciamento de risco em práticas corporais de aventura nas aulas de educação física escolar. **Revista de Educação Física, Saúde e Esporte**, [S. l.], v. 5, n. 1, p. 58-67, 2022. Disponível em: <https://refise.ifce.edu.br/refise/article/view/166>. Acesso em: 17 mar. 2024.

SOUTO, L. C. L. et al. Limitações das aulas de Educação Física em decorrência da Infraestrutura na ótica de professores do Ensino Médio público. **Revista de Instrumentos, Modelos e Políticas em Avaliação Educacional**, [S. l.], v. 2, n. 2, p. e021011, 2021.